

# EXPLORANDO A POESIA E A POÉTICA NAVAJO

EXPLORATIONS IN NAVAJO'S POETRY AND POETICS

Anthony K. Webster<sup>131</sup>  
Charles Antonio de Paula Bicalho (Tradutor)<sup>132</sup>

**RESUMO:** Tradução da Introdução do livro *Explorations in Navajo Poetry and Poetics*, de Anthony K. Webster (Albuquerque: New Mexico University Press, 2009), páginas 1 a 15. Neste estudo Webster investiga os dispositivos encontrados nas tradições poéticas escritas e orais dos Navajo. E explora aspectos da linguagem, como a mistura de códigos, trocadilhos e ideofonia, muitas vezes considerados marginais na literatura linguística, revelando como eles são centrais para o estudo da etnopoética e para uma abordagem da linguagem e da cultura centrada no discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Navajo; etnopoética; literatura.

**ABSTRACT:** Translation into Portuguese of the Introduction of the book *Explorations in Navajo Poetry and Poetics*, by Anthony K. Webster (Albuquerque: New Mexico University Press, 2009), pages 1 to 15. In this study the author investigates the devices found in Navajo written and oral poetic traditions, and explores aspects of language such as code-mixing, punning, and ideophony, often considered marginal in linguistics literature, revealing how they are central to the study of ethnopoetics and a discourse-centered approach to study of language and culture.

**KEYWORDS:** Navajo; ethnopoetics; literature.

## O “O QUE” E O “COMO” DA NARRATIVA

Pessoas e povos contam histórias. Se a etnopoética nos ensinou algo, é que enquanto o “o que” de uma história (o conteúdo) é importante, o “como” da história (a estrutura poética) é tão importante quanto. Este livro é sobre os modos como o “como” da história e o “o que” da história estão entrelaçados. As histórias aqui são poesia Navajo, tanto escrita quanto oral.

<sup>131</sup> Professor Associado de Antropologia na University of Texas em Austin.

<sup>132</sup> Doutor em Estudos Literários, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: [charlesbicalho@gmail.com](mailto:charlesbicalho@gmail.com).

Bem no início de minha pesquisa linguística e etnográfica na Nação Navajo durante o surgimento da poesia escrita Navajo, eu tentei inferir termos indígenas Navajo para “poesia”. O resultado mais comum a que eu chegava era: *hane’* (história, narrativa). O *Diné College* (*Diné* é o termo em língua Navajo pelo qual os Navajo se autodenominam; trata-se do colégio administrado pelos próprios índios, que tem seu principal *campus* localizado em Tsile, no Arizona) adotou a expressão *hane’ naach’aah* (histórias desenhadas) (“*designed stories*”). Seja como for, no geral, os Navajo com que conversei usavam *hane’*. Poesia era, portanto, um tipo de história ou narrativa. Poesia, como *hane’*, é para ser compartilhada publicamente (Peterson 2006).

Há numerosos bons motivos para considerar a poesia Navajo como um tipo de narrativa. Este é um dos focos deste livro: os modos pelos quais a poesia Navajo é um tipo de contação de histórias. Eu argumento que é através de vários dispositivos ou expedientes poéticos que a poesia escrita Navajo se conecta a tradições orais Navajo. A poesia Navajo é igualmente conectada a outras tradições também. Mais à frente eu argumento que tais formas poéticas revelam algo sobre os vínculos afetivos que os poetas Navajo têm em relação à sua língua. Acredito que seja importante entender tais vínculos afetivos para com a língua, especialmente – como é o caso dos Navajo – quando a língua é ameaçada. Jovens Navajo não estão aprendendo a língua a uma taxa necessária para garantir a sua preservação. É também verdade que muitos Navajo desenvolveram vínculos afetivos em relação à língua inglesa. Isso também é digno de investigação.

Na primavera de 2000, me dirigi à Nação Navajo durante o período de emergência da poesia escrita Navajo. Eu era um estudante de mestrado na Universidade do Texas em Austin, e eu estava indo lá para dar início ao trabalho de campo de minha dissertação. Eu viveria por um período em Chinle, no Arizona (três meses), e então, por um período mais longo de tempo (doze meses), nos arredores de Lukachukai, também no Arizona. Deixei a Nação Navajo em agosto de 2001. Desde então, tenho me correspondido frequentemente com poetas Navajo e, no verão de 2007 e 2008, novamente realizei pesquisas linguísticas e

etnográficas na Nação Navajo. Neste período, vivi a norte de Shiprock, no Novo México.

Quando iniciei minhas pesquisas sobre a poesia Navajo contemporânea, eu esperava focar exclusivamente na poesia em língua Navajo. Isso foi um erro tão colossal que fico envergonhado de escrever sobre ele agora. De qualquer modo, para mim há uma lição a ser tirada daí. Minha predisposição – nada incomum, aliás – era para a poesia Navajo “autêntica”. Para ser “autêntica”, deveria, por definição, estar em língua Navajo. Eu havia confundido ser Navajo com falar Navajo.

Nem todos os Navajo falam Navajo e nem todos os Navajo que falam Navajo escrevem poesia em Navajo. Ao excluir a poesia escrita em inglês, eu excluiria a grande maioria da poesia sendo escrita e executada atualmente na Nação Navajo. De fato, poetas como Rex Lee Jim, Nia Francisco e Laura Tohe escrevem poesia tanto em inglês quanto em Navajo. Jim uma vez me disse que a motivação por trás de em qual língua escrever tem mais a ver com sua estética pessoal e com o conteúdo do poema, que com qualquer outra coisa.

Minha vergonha é mitigada de alguma maneira pela compreensão de que o estereótipo de que os poetas Navajo especificamente são somente aqueles poetas que se expressam em Navajo não era e não é exclusividade minha. Escrever em Navajo pode ser também um rótulo aplicado aos indivíduos. Em 2000, numa trajetória noturna para Gallup, no Novo México, para um jantar, Jim me falou sobre um livro de poesia que ele submetera a uma editora universitária.

Quando o parecer chegou – e Jim me mostrou o parecer – um dos pareceristas, sabendo que Jim era o autor, recomendou a publicação, desde que Jim incluísse as versões em Navajo. Os poemas eram todos em inglês. Não havia versões em Navajo e Jim não estava disposto a escrever versões em Navajo. Jim quis escrever um livro de poemas em inglês. O livro não foi publicado. Jim havia sido estereotipado como o poeta Navajo que escreve em Navajo.

Outros poetas, como Esther Belin, escreveram eloquentemente sobre o fato de não falarem Navajo. Como escreve Belin, “um diploma da Universidade da Califórnia em Berkeley nunca mudará o fato de que eu não consigo entender o meu

avô quando ele pede mais café” (BELIN, 1999, 43). A alfabetização em Navajo ainda é relativamente rara na Nação Navajo. Muitos Navajo falam Navajo, mas eles nem sempre podem escrever em Navajo. Um poeta Navajo me disse que ele escreveria em Navajo quando o sistema de escrita Navajo não se parecesse com o inglês. Um dos objetivos deste livro é focar no que realmente os Navajo estão fazendo com suas línguas. Uma das coisas que eles estão fazendo é escrever e executar poesia.

Assistir aos poetas Navajo executando sua poesia em Navajo e em inglês sugere que o uso da língua era um aspecto importante de suas performances. Poetas como Sherwin Bitsui, que escreve principalmente em inglês, ainda assim iniciam suas performances em Navajo. Poetas como Luci Tapahonso e Laura Tohe costumam estender as partes em Navajo de seus poemas para além do que eram nas versões escritas. Tais usos do Navajo eram expressões afetivas elevadas (chamavam a atenção no momento em que se expressavam). Isso era um modo de se conectar com membros da audiência falantes de Navajo. Ainda que poemas em inglês também se conectassem com as audiências Navajo.

Meu foco na poesia Navajo emergiu num dia de março de 2000 quando eu estava conversando com Rex Lee Jim no hotel Inn da Nação Navajo (agora chamado *Diné Restaurant*), em Window Rock, no Arizona. Enquanto eu ouvia Jim falar de poesia e da importância da língua em poesia, comecei a perceber o esboço de uma dissertação. Numa entrevista com Jim no início de 2001, perguntei porque ele escrevia poesia. Sua resposta foi típica: “para que os antropólogos tenham algo para estudar.” Quando Bitsui performava seu poema “Sol do norte”, ele costumava se virar pra mim e sorrir enquanto dizia: “É isso que eu mereço: um antropólogo branco sentado próximo a mim em uma cerimônia de inverno?” Ele se apropriava de mim, o antropólogo, na performance do poema através de seu gracejo.

Esther Belin me disse uma vez que esperava que seu livro de poesia, *From the Belly of My Beauty*, fosse alocado na seção de antropologia das livrarias. Se pensamos em poesia como algum tipo de narrativa, então isso faz todo o sentido. Seus poemas são histórias sobre ser, entre outras coisas, Navajo. Tais exemplos

sugerem que os poetas Navajo são bastante conscientes da representação antropológica dos Navajo. Tomei esses exemplos como lembranças de que eles (os poetas Navajo) leriam minha obra.

Um dos argumentos que traço neste livro é que muito da poesia Navajo são também narrativas de identidade Navajo. Os poetas Navajo, eu argumento ao longo dos capítulos finais, estimam e expressam sua identidade através de narrativas. Debora House (2002) e Jennifer Nez Denetdale (2007) têm discutido a importância das narrativas na formação da identidade Navajo. House se ocupa principalmente com o conteúdo das narrativas de identidade Navajo. Denetdale, uma historiadora Navajo, por outro lado, aborda essas histórias por outro ângulo.

Para Denetdale, o ponto crucial são os modos como as narrativas Navajo se diferenciam das narrativas ocidentais sobre os Navajo. Denetdale aponta, por exemplo, que muitas narrativas Navajo sobre a Longa Caminhada (*Long Walk*)<sup>133</sup> (um momento singular na história Navajo) focam na manutenção das relações de clã (os Navajo são sobretudo matrilineares e a descendência é traçada através da mãe). Tais narrativas históricas Navajo não se importam tanto com as grandes narrativas sociopolíticas frequentemente contadas nos livros de história ocidental. As narrativas se transformam num modo de expressão e criação de identidade.

Esta perspectiva de que a identidade é um tipo de narrativa ressoa o trabalho de Edward Spicer. Spicer era um antropólogo que trabalhou principalmente com os Yaqui do sudoeste americano e de Sonora, no México. No fim de sua carreira ele começou a abordar o que chamava “sistema de identidade persistente” (SPICER, 1971, 796). Spicer (1975, 46) entendeu a identidade deste modo:

---

<sup>133</sup> Em 1864 os Estados Unidos enviaram Kit Carson para capturar e remover os Navajo de suas terras tradicionais. Milhares foram capturados; alguns conseguiram fugir. Aqueles capturados foram forçados a marchar através do que é hoje o estado do Novo México, atravessando o Rio Grande até o *Fort Sumner* (também conhecido como *Bosque Redondo* ou ainda *Hwéeldi*). Muitos morreram na caminhada, durante a pior estação do ano, e muitos mais morreram durante os quatro anos de confinamento. Finalmente, em 1869, os líderes Navajo conseguiram negociar o retorno às suas terras tradicionais.

Identidade é uma concepção e sentimento sobre os eventos que um povo viveu através do curso de sua história... São os sentidos dos eventos nos quais os antepassados tomaram parte, de modos dos quais eles se orgulham, que diferenciam povos dentro do que chamamos grupos étnicos... É do contar e recontar os eventos de um ponto de vista particular ao povo que a diferença étnica se enraiza.

Gosto desta definição de identidade porque ela combina com o que os Navajo estão fazendo e dizendo. Identidade é um tipo de narrativa, um modo de recontar o passado. Como eu mostro em capítulos mais à frente, muitos dos poemas sendo escritos hoje em dia se relacionam a eventos da história Navajo. Eles são história sob uma perspectiva Navajo. Há vários poemas sobre a Longa Caminhada, por exemplo. Isso também nos lembra que identidade é sentimento, e que tais sentimentos podem ser expressos e evocados por engenho poético. Essa definição está também em consenso com o trabalho da antropologia linguística contemporânea, que tenta entender as dinâmicas da língua, tanto como um índice quanto como um ícone de identidade (ERRINGTON, 1998; KROSKRITY, 1993; KUIPERS, 1998; VAN VLEET, 2008).

## POESIA E POÉTICA

Outro motivo pelo qual eu prefiro esta definição de identidade é porque se pode investigá-la empiricamente. Ela coloca a identidade no âmbito da circulação de narrativas ou discursos. Poesia e performances poéticas são tipos de discurso. Elas são públicas, no sentido de que são ativamente compartilhadas. Joel Sherzer (1987, 295), um antropólogo que tem trabalhado principalmente com os Kuna do Panamá, defende uma “abordagem da língua e da cultura centrada no discurso”. De acordo com ele:

É o discurso que cria, recria, modifica e afina tanto a cultura quanto a língua e suas interseções, e é especialmente no discurso artístico verbal, como a poesia, a mágica, o duelo verbal e a retórica política, que os recursos e as potencialidades providas pela gramática, bem como os símbolos e os significados culturais, são explorados ao máximo e a essência das relações língua-cultura se tornam salientes.

Greg Urban (1991, 1), outro antropólogo da tradição centrada no discurso, que tem trabalhado com povos indígenas da América do Sul, sintetiza o assunto quando diz que “a cultura se localiza em signos concretos publicamente acessíveis, sendo na verdade os mais importantes deles os padrões recorrentes de discurso”. Este livro é também centrado no discurso. Em muitos dos capítulos a seguir, focarei em performances específicas de poesia Navajo e sugerirei modos como tais performances ajudam a colocar em circulação estruturas que – em inglês – nós podemos chamar “Navajo”.

Há uma distinção aqui que precisa ser feita. Quando falo sobre poesia Navajo, estou falando sobre um gênero de expressão reconhecido pelos Navajo. Os Navajo falam de “poesia Navajo”, e existem nomes reconhecidos de “poetas Navajo”. Algo dessa poesia tem sido publicado. Algo não. Encontrei vários Navajo que escreviam poesia, mas que não tinham aspirações de ver seu trabalho publicado. Em vez disso, alguns deles esperavam poder transmitir sua poesia a seus netos. Outros queriam publicar sua poesia, mas ainda não haviam encontrado um modo. Outros escreviam poesia para as aulas no *Diné College*. Outros ainda, como Zoey Benally, executavam sua poesia nos eventos de batalha de poesia. Isso é a poesia escrita Navajo contemporânea. A maioria da poesia escrita também pode ser cantada.

Por outro lado, quando digo poética Navajo, quero dizer algo bem diferente de quando digo poesia Navajo. Quando escrevo sobre poética, quero dizer algo bem similar a ambas as definições de função poética de Roman Jakobson (1960). Sua primeira definição é a de que a função poética privilegia mais a mensagem que o conteúdo (1960, 356). Sua segunda definição (358) aponta que “a função poética projeta os princípios de equivalência do eixo da seleção sobre o eixo da

combinação”. Este é o *como* da narrativa. Deve ficar claro que a poética não reside apenas naquilo que costumamos chamar “poesia”. Paul Friedrich (1986, 1996 e 2006), um linguista antropólogo, cujo trabalho desafia reduções fáceis, defende que a linguagem poética está infiltrada em todo uso de linguagem.

Friedrich (1986, 17) segue argumentando que “a linguagem poética... é o lugar das mais interessantes diferenças entre as línguas e deveria ser o lugar do estudo de tais diferenças”. A isso ele dá o nome de “indeterminação poética”. Este livro se alicerça sobre a questão das diferenças entre línguas com base nas linguagens poéticas, ao também focar os modos como as línguas – poeticamente falando – se confundem. Linguagens poéticas são também os lugares em que línguas são combinadas, através de trocadilhos, mudanças ou misturas de códigos.

Friedrich toca aqui numa tradição que se conecta a Franz Boas (1966) e Edward Sapir (1921, 1985). E encontra expressão poderosa na formulação de Boas (1966, 58):

Quando surge a questão, por exemplo, de investigar a poesia indígena, a tradução não pode ser considerada como um substituto adequado para o original. A forma do ritmo, o tratamento da linguagem, o ajuste do texto à música, as imagens, o uso de metáforas, e todos os numerosos problemas envolvidos em qualquer investigação cuidadosa do estilo da poesia, só pode ser interpretado pelo pesquisador que tem igual domínio do trato etnográfico da tribo e sua língua.

É esta tradição que Sherzer (1990, 18) explora quando discute “a poetização da gramática”. Sherzer (18) a define como o uso de “um elemento ou aspecto da gramática, seja perdendo sua função gramatical enquanto assume uma função poética, seja agregando uma função poética ao seus já existentes referencial e função gramatical”. Tal processo de poetização da gramática provavelmente seria específico de uma comunidade discursiva e linguística. E é também relacionado ao que o linguista Anthony Woodbury (1998, 238) nomeia “expressão dependente da forma”. Para Woodbury (238), a expressão dependente da forma implica “qualquer situação em que padrões arbitrários de um código gramatical e lexical são



subordinados para constituir, formar ou modelar propostas ou conteúdos comunicativos; a expressão é crucialmente dependente da forma”. Este é o modo pelo qual as formas linguísticas são entrelaçadas através do uso em práticas sociais. Há, pois, um ciclo de resposta aqui. Enquanto expressões dependentes da forma são repetidamente usadas, elas acumulam conexões afetivas que as fazem sentir como se não fossem arbitrárias. Elas são, de acordo com Friedrich (1979, 44), relativamente não arbitrárias. Como Sherzer (1987, 296) defende, a língua “é motivada do ponto de vista da significância e da apropriação que os indivíduos sentem em relação à sua língua, enquanto a usam em contextos culturais e sociais reais”.

Esta tradição encontra eco também nos trabalhos de Dell Hymes (1981, 2000, 2003) e Denis Tedlock (1983) relativos à etnopoética. Em sua base, a etnopoética é o estudo dos modos como as narrativas são estruturadas em “linhas” e são, portanto, poéticas (Hymes 1981). As linhas encaixam-se em ambas as definições da função poética de Jakobson. Primeiro, porque a criação de linhas chama a atenção para a forma, mais que para o conteúdo. Segundo, porque tais unidades estruturadas em linhas são as premissas para a atuação do eixo paradigmático sobre o eixo sintagmático.

A rima, em algumas poesias em língua inglesa, cria linhas e é também o modo de atuação para escolhas fonológicas em um eixo de distribuição. Poetas Navajo estão menos preocupados com rima que muitos poetas em língua inglesa. De qualquer modo, por causa da influência da poesia em língua inglesa, existem poemas que usam rima ao misturarem língua Navajo e inglês. Vee Browne (2000, 30, 32), por exemplo, faz experimentos com estrofes em inglês e Navajo.

Poetas Navajo estão engajados em tradições poéticas universais de outras maneiras também. Luci Tapahonso, por exemplo, escreveu um poema intitulado “*Leda and the Cowboy*”, que explicitamente se relaciona ao poema “*Leda and the Swan*”, de William Butler eYeats. O poema de Yeats foi inspirado pela mitologia grega (como é de costume nas tradições literárias ocidentais) e o poema de

Tapalonso é uma resposta Navajo para o mito grego segundo a versão de Yeats. A poesia Navajo e seus poetas são conectados ao mundo que os cerca.

Não é mais razoável, se é que algum dia foi, dizer que os Navajo são isolados do discurso global. Eles não são. Ele são, ao contrário, participantes ativos neste mundo. Em 2000, Rex Lee Jim me contou sobre a leitura de seus poemas em Navajo para audiências Maori na Nova Zelândia. Jim me disse que ninguém na audiência entendia o que ele dizia, mas quiseram que ele lesse em Navajo e não em inglês. Sua leitura em Navajo categorizou – ou direcionou a – uma indigeneidade compartilhada. De fato, um dos livros de poesia de Rex Lee Jim (1998), *Dúchas Táá Kóó Diné*, é uma coletânea trilingue com poemas em Navajo, inglês e gaélico e foi publicado na Irlanda. Vários poetas Navajo têm se apresentado internacionalmente.

A etnopoética se interessa – ou deveria – por mais coisas além do que linhas poéticas. A etnopoética tem se interessado pela criatividade individual e pela atenção minuciosa aos detalhes linguísticos. Friedrich (2006) e Jan Blommaert (2006) oferecem avaliações úteis da etnopoética. Como escreve Blommaert, “a etnopoética trabalha numa direção para abordar a etnografia: descrever (e reconstruir) línguas, não no sentido de unidades internamente homogêneas, fechadas e estáveis que caracterizam a humanidade... mas como complexos ordenados de gêneros, estilos, registros e formas de uso”.

Tal perspectiva deve abordar poetas individuais, mas também as línguas que eles usam e as conexões que eles fazem. Relacionado a isso, como acrescenta Blommaert (2006), “finalmente, o que a etnopoética faz é mostrar a voz, para visualizar os modos particulares - frequentemente desviantes das normas hegemônicas – pelos quais os sujeitos produzem sentido.” Eu vejo o reconhecimento da voz como central para este livro. Como Friedrich (2006:228) observa em sua própria análise da etnopoética, “a etnopoética tende a relativizar o conhecimento, a reconhecer sua sutileza”.

Repare também que tanto a etnopoética quanto a abordagem centrada no discurso focam a “performance” e o entendimento da “arte verbal como

performance” (ver BAUMAN 1984, 1986). De acordo com Richard Bauman (1984, 11), a performance pode ser entendida “como um modo de comunicação verbal falada (que) consiste na assunção da responsabilidade para com uma audiência em função de uma demonstração de competência comunicativa.” Performance é um uso “constitutivo” da língua (Bauman 1984, 11; ver também Taylor, 2006). Uma perspectiva centrada na performance, como a etnopoética e uma abordagem centrada no discurso, trata a língua enquanto ação e não a língua enquanto abstração. Retornarei a este ponto no Capítulo 4, quando discuto as performances da poesia Navajo contemporânea.

Outro conceito que discuto mais detidamente no Capítulo 4, mas que anima muito da discussão deste livro, é a ideia de “iconicidade sensível” (“*feelingful iconicity*”). Deixe-me esboçar aqui o que quero dizer com esta expressão. Seguindo David Samuels (2004b), Steven Feld (1988) e Friedrich (1986, 16-53), entendo a iconicidade sensível enquanto os vínculos afetivos (“*felt attachments*”) que resultam das formas expressivas. Tais vínculos emocionais criam uma sensação de “continuidade”.

O trabalho de Feld (1988, 132), que exerce influência sobre Samuels, descreve o soar soerguido (“*lift-up-over sounding*”) da estética Kaluli como “um ícone do que Sapir, Whorf e outros chamaram de uma natureza *intuitiva* de uma visão de mundo sentida, e que Paul Friedrich (1986) descreveu como a dimensão satisfatoriamente emocional da indeterminação poética.” Como Samuels (2004b, 11) afirma, isto é “a continuidade do *sentimento* evocado pelas formas expressivas.” A iconicidade sensível é parte da função poética da linguagem, em que há uma naturalidade sentida (“*felt naturalness*”) para com a dimensão expressiva – uma naturalidade sentida que se acumulou através do tempo resultando na criação de um senso de continuidade. No entanto, tal iconicidade sensível não se limita apenas a formas expressivas em Navajo.

Na pressa para analisar e documentar os últimos falantes de línguas indígenas ameaçadas de extinção, os linguistas e linguistas-antropólogos têm ignorado os “ingleses” que os povos indígenas têm falado e os modos como esses

“ingleses” têm sido moldados para propósitos poéticos (ver SEABURG, 2007; RIDDINGTON e RIDDINGTON, 2006; BARTELT, 2001; LEAP, 1993a). Temos deixado escapar também os modos como os povos indígenas têm atuado linguisticamente no contato entre línguas, vendo o inglês, por exemplo, como a consumação de oportunidades de trocadilho em Navajo. Como discuto no Capítulo 3, poetas Navajo são também seletivos em suas representações dos tipos de “língua Navajo” em sua poesia. Uma abordagem verdadeiramente centrada no discurso e uma perspectiva verdadeiramente etnopoética do Navajo e sua poesia deveria considerar todas as línguas que os poetas Navajo empregam ou não.

## NAVAJO

A Nação Navajo, cobrindo partes do Arizona, Novo México e Utah, é praticamente do tamanho do estado de e West Virginia. A língua Navajo é uma língua Athabaska do Sul, relacionada a outras línguas Apaches faladas no sudoeste, como o Apache do Oeste (*Western Apache*), Chiricahua Apache e Jicarilla Apache. É mais remotamente relacionada a línguas Athabaskas como Tolowa e Hupa, que são faladas na costa oeste dos Estados Unidos e línguas como Chipewyan, Slavey e Koyukon, que são faladas no Canadá e Alaska.

De acordo com o censo de 2000 nos Estados Unidos, há aproximadamente 300.000 pessoas que se identificam como Navajo. Cento e setenta e oito mil e quatorze (178.014) pessoas identificaram-se enquanto falantes de Navajo, com aproximadamente 120.000 destes identificando-se enquanto falantes de Navajo e residentes da Nação Navajo. Números brutos, portanto, dão a impressão de que a língua Navajo é amplamente falada (de fato, ela é falada em todos os Estados Unidos) por um número significativo de falantes. Seja como for, como apontam estudiosos como Tiffany Lee (2007) e Ancita Benally (BENALLI & VIRI, 2005), a língua Navajo é uma língua ameaçada. É ameaçada no sentido de que os jovens

Navajo não estão aprendendo a língua a uma taxa que garantirá seu uso contínuo.

Além disso, a despeito de vários esforços ao longo dos anos, a alfabetização em Navajo é ainda limitada (ver SPICER, 1962, 456-457; MCLAUGHLIN, 1992; SPOLSKY, 2002). Muita literatura tem sido escrita sobre a situação da língua Navajo enquanto língua ameaçada. Um dos aspectos deste livro é ressaltar certas características poéticas para as quais os Navajo têm vínculos afetivos. Língua é mais do que mera referência.

É mais do que um sistema gramatical e lexical. Antes, é algo a que os indivíduos constroem uma ligação ao longo do tempo. Isto é, mais uma vez, a iconicidade sensível que se adere a uma língua em uso. Um foco nos usos poéticos da língua Navajo e do inglês, irá, acredito, lançar luz sobre os modos como os indivíduos se orientam para a língua. Este foco trata a língua como mais que um sistema gramatical, mas antes como algo que as pessoas habitam e que habita as pessoas também.

A poesia é uma voz importante e emergente para indivíduos Navajo. De fato, um entendimento de como os poetas Navajo performam e circulam sua poesia afigura-se de crucial importância para uma compreensão das realidades vividas e sentidas tanto dos poetas quanto da audiência Navajo. Este livro é baseado em trabalho de campo tanto etnográfico quanto linguístico na Nação Navajo (2000-2001, 2007, 2008). Há muito poucos locais para a performance poética na Nação Navajo. A cafeteria de Gloria Emerson é um dos mais recentes (quanto tempo ele permanecerá sendo um deles é uma questão em aberto). Ela ainda não estava lá quando eu comecei meu trabalho de campo em 2000-2001.

Naquele tempo, um microfone aberto à noite no *Diné College* em Tsaile, no Arizona, parecia ser o único ponto de encontro regular para jovens Navajo performarem sua poesia em público. Muitos dos eventos descritos neste livro têm uma qualidade *ad hoc*, precisamente porque não aconteciam regularmente. Um amigo Navajo realizou um evento de leitura poética em sua casa no inverno de 2000 (Rex Lee Jim, Sherwin Bitsui e Orlando White leram seus poemas naquela noite). Muitos poetas Navajo frequentemente usaram as entrevistas que realizei

com eles como oportunidade para performar sua poesia. No apêndice B deste livro, eu listo alguns dos eventos de maior regularidade que incluem performances de poesia Navajo (ou que incluíram poetas Navajo).

Este livro foca as performances de poesia Navajo e sua poética enquanto partes da circulação de afirmação e exibição de narrativas sobre a identidade Navajo. Mais que tratar as narrativas sobre a identidade Navajo como uma abstração, este livro realça circunstâncias específicas e performances, e os recursos poéticos e linguísticos que dão suporte a tais performances. Este livro se diferencia do livro *Language Shift Among the Navajo* (2002), de Deborah House, por exemplo, na medida em que presta atenção particular às formas poéticas de narrativas sobre a identidade Navajo. Desta forma, me preocupo com os dispositivos linguísticos de que os poetas Navajo se utilizam para alcançar um sentido de identidade Navajo através de sua poesia e performance.

Daniel McLaughlin (1992) fornece uma perspectiva sociolinguística sobre as práticas de alfabetização Navajo. McLaughlin argumenta contra uma “diglossia especial” em que a língua Navajo é usada em comunicação oral e o inglês na comunicação escrita. Ainda que tal distinção seja real em geral, o Navajo escrito pode ser encontrado em lugares de poder como as escolas, missões e na administração pública; mais importante ainda, o Navajo está também “em domínios tradicionais, para registrar procedimentos cerimoniais, por exemplo, nos lares, para escrever cartas, listas, diários e bilhetes” (McLaughlin, 1992, 151).

É também usado em e-mails, como os que recebo de vários amigos e poetas Navajo. Também pode ser encontrado na Internet (em sites, por exemplo). Vários poetas que entrevistei mantêm diários que incluem seus poemas em Navajo. Eles frequentemente me mostram esses diários e leem seus poemas. McLaughlin (1992) também aponta uma mudança generalizada em atitudes recorrentes entre os Navajo de *Mesa Valley*. A escrita em Navajo não é mais vista simplesmente como um auxílio para registrar a “cultura tradicional”; antes, está se tornando também associada à “ideia de utilidade principalmente para a promoção do auto-conhecimento” (McLaughlin 1992, 156). Provavelmente em nenhum outro lugar

isso possa ser melhor visto do que na emergência da poesia Navajo. Deste modo, como afirma McLaughlin, a alfabetização é uma prática de fortalecimento para os Navajo.

A pesquisa em que este é livro se baseia foi feita com permissão do Departamento de Preservação Histórica da Nação Navajo (*Navajo Nation Historic Preservation Department*). Recebi permissões para realizar pesquisa sobre a poesia Navajo na Nação Navajo em 2000, 2001, 2007 e de novo em 2008. Não é mais verdade que antropólogos podem simplesmente aparecer na Nação Navajo e começar a pesquisar. Hoje em dia, ao contrário, pesquisadores devem candidatar-se a uma permissão na Nação Navajo.

É assim que deve ser, devo acrescentar. Pesquisas devem ser feitas em consulta aos povos indígenas. Eu, por exemplo, tenho apresentado artigos a audiências Navajo na *Navajo Studies Conference* (Albuquerque, New Mexico, 2006; Tsaille, Arizona, 2007), na *Athabaskan Language Conference* (Tsaille, Arizona, 2007) e na *Northwestern Ethnographic Field School* (McGaffey, New Mexico, 2001), onde trabalhei como consultor. Ouvir os comentários de membros da audiência Navajo funciona como uma checagem de minha pesquisa; e também torna minha pesquisa pública.

Ao longo deste livro, usarei vários nomes reais de pessoas. Faço isso porque muitas das pessoas com quem trabalhei querem ser reconhecidas como poetas. Algumas não. Para estas, eu usos pseudônimos. Alguns leitores podem notar que eu não sou muito consistente na ortografia de palavras Navajo. É verdade. Quando cito os poetas Navajo, eu escrevo as palavras do modo que eles escrevem.

Os poetas Navajo escrevem as palavras Navajo de várias maneiras. Minha tarefa é documentar tal uso. Não é minha função promover um padrão. Acredito que um excesso de confiança no “padrão” e a redução dos modos com que os Navajo realmente escrevem sua língua limita o potencial criativo e sutilmente mina noções de incomensurabilidade entre o Navajo e o inglês. Em minha experiência com os poetas Navajo, muitos se preocupam mais em evocar o relacionamento sensível com a língua Navajo do que com a ortografia correta. As ortografias

vernaculares do Navajo continuam a reproduzir um Navajo idealizado, enquanto o Navajo com mistura de códigos desafia uma ideologia de oposição entre Navajo e inglês.

## ESBOÇO DO LIVRO

Alguns anos atrás, Howard Bahr (1994) sugeriu que o estudo da mudança na vida social Navajo deveria ser entendido enquanto “múltiplos vislumbres” (“*multiplying glimpses*”). Este livro põe em prática uma perspectiva que tenta vislumbrar – em sentido que reivindico como não onipotente e de visão desobstruída – a poesia Navajo e suas práticas poéticas. É uma exploração, e não uma afirmação autoritária. Ao apresentar uma variedade de vislumbres, ou capítulos, abordando as práticas poéticas entre os Navajo, espero sugerir algo da diversidade do trabalho social que os poetas Navajo estão tentando realizar através da poesia.

Muitos dos capítulos seguintes apareceram de uma forma ou de outra como artigos publicados em várias revistas acadêmicas. Eu gostaria aqui de agradecer essas revistas. Partes do Capítulo 1 apareceram em *Anthropological Linguistics*; partes do Capítulo 2 saíram em *Language & Communication*; porções do Capítulo 3 foram acolhidas em *Pragmatics*; uma primeira versão do Capítulo 4 foi publicada em *Language in Society*; e partes do Capítulo 6 vão aparecer em *Semiotica*. Se por um lado a pesquisa para este livro foi parcialmente feita para a minha dissertação em linguística antropológica na Universidade do Texas em Austin, muito pouco de minha dissertação entrou neste livro. Uma versão bem diferente do Capítulo 4 pode ser encontrada em minha dissertação, assim como uma versão substancialmente diferente do Capítulo 5.

Os dois primeiros capítulos deste livro abordam dispositivos poéticos em Navajo. O Capítulo 1 investiga os artifícios poéticos encontrados nas tradições



poéticas Navajo oral e escrita, bem como as línguas destes dispositivos poéticos. Este capítulo faz uso de uma perspectiva etnopoética para entender a mudança de língua e as conexões afetivas à língua que os Navajo expressam e exploram através do uso poético escrito e oral. Documenta vários exemplos em que os dispositivos poéticos orais Navajo não são traduzidos ou transferidos para a poesia Navajo escrita em inglês.

O Capítulo 2 foca num aspecto negligenciado da poética Navajo: o uso da ideofonia (simbolismo sonoro) em vários gêneros poéticos Navajo. São dados exemplos de nomes de lugares, narrativas e canções Navajo. Outros exemplos envolvem o uso de ideofonia na poesia escrita Navajo contemporânea. Ainda que frequentemente se argumente que a ideofonia aparenta ser uma forma poética relativamente frágil, seu nível de uso pelos poetas Navajo pode indicar o índice de resistência em direção às tradições literárias ocidentais. Dispositivos poéticos tais como a ideofonia são frequentemente desvalorizados pela ideologia linguística ocidental que marginaliza formas linguísticas icônicas. Ainda que sejam precisamente tais formas que criam vínculos afetivos com a língua, fazendo delas mais que meras referências.

No Capítulo 3, eu me dedico à questão das escolhas de quais imagens “uma” língua Navajo pode se aproveitar na poesia contemporânea e as sustentações ideológicas de tais escolhas. Eu sugiro que muito do uso da língua Navajo na poesia Navajo escrita contemporânea, especialmente a poesia dominante em inglês, serve como um ícone do uso peculiar Navajo. A poesia Navajo é comprometida, ainda que tacitamente, em um discurso de purismo linguístico que é atado a uma ideologia linguística de oposição que vê o Navajo e o inglês como “objetos” distintos e descontínuos. A poesia Navajo apaga a diversidade sociolinguística contemporânea – incluindo a Navajo bilíngue – na Nação Navajo. E o fazendo, encerra partes das realidades sociolinguísticas Navajo e em seu lugar cria uma comunidade linguística Navajo imaginada. No Apêndice A, eu listo vários livros de poesia Navajo analisados no Capítulo 3.

No Capítulo 4, o foco se volta para as performances orais da poesia escrita Navajo. Este capítulo presta atenção especial às mudanças sutis na língua encontradas em duas performances e a versão escrita de “*Cat or Stomp*”, de Laura Tohe. O capítulo sustenta o entendimento destas performances como “narrativas de identidade Navajo.” Também defende o entendimento da poesia da performance de Tohe tanto quanto uma realização individual quanto de seu meio social linguístico e cultural. Argumento também que há uma conexão sensível tanto com o Navajo quanto com o inglês e, sendo assim, ambas as línguas podem ser trazidas a performances de narrativas de identidade Navajo.

No Capítulo 5, eu foco num longo poema narrativo da poeta Laura Tohe sobre a Longa Caminhada e em duas performances públicas deste poema. Eu discuto de que maneiras o poema de Tohe é uma articulação indígena que valoriza certos aspectos do passado Navajo e sua tradição oral. Esta discussão é emoldurada pela consideração de certos eventos que estavam ocorrendo ao redor da Navajo Nation em 2000 e 2001. Também sugiro algo das ligações intertextuais que Tohe empreende através do uso que faz dos dispositivos poéticos Navajo.

O Capítulo 6 analisa porções da performance poética de Laura Tohe para uma audiência não Navajo na área rural de Illinois. Ao analisar os comentários metalinguísticos de Tohe sobre o uso do Navajo, bem como os usos reais do Navajo em sua performance, é defendido que Tohe apresenta um estereótipo metassemiótico dos usuários do Navajo. Isto se baseia em certo conjunto de ideologias linguísticas sobre a conexão afetiva com a língua. A abordagem minuciosa dos usos da língua Navajo em nomes de lugares também revela como Tohe conecta sua performance a maiores questões sobre a reivindicação Navajo de localidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHR, Howard. *Multiplying Glimpses, Gleaning Genres: A Multidisciplinary Approach to the Study of Change among Navajo Peoples*. Human Organization 53(1):55-73, 1994.

BARTELT, H. Guillermo. *Socio- and Stylolinguistic Perspectives on American Indian Texts*. Lewinston, NY: Edwin Mellen Press, 2001.

BAUMAN, Richard. *Verbal Art as Performance*. Chicago: Waveland Press, 1984.

\_\_\_\_\_. *Story, Performance, and Event*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BELIN, Esther. *From the Belly of My Beauty*. Tucson: University of Arizona Press, 1999.

BENALLY, AnCita & VIRI, Denis. *Diné Bizaad [Navajo Language] at a Crossroads: Extinction or Renewal*. *Bilingual Research Journal* 29(1):85-108, 2005.

BLOMMAERT, Jan. *Ethnopoetics as Functional Reconstruction*. *Functions of Language* 13(2):255-275, 2006.

BOAS, Franz. Introduction. *In Handbook of American Indian Languages & Indian Families of America North of Mexico*. Pp. 1-79. Lincoln: University of Nebraska Press, 1966.

BROWNE, Vee. *Ravens Dancing*. Bloomington: AuthorHouse, 2000.

DENETDALE, Jennifer Nez. *Reclaiming Diné History*. Tucson: University of Arizona Press, 2007.

ERRINGTON, Joseph. *Shifting Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

FELD, Steven. *Aesthetics as Iconicity of Style* (Uptown Title); or (Downtown Title) “Lift-up-over sounding”: Getting into the Kaluli Goove. *Yearbook for Traditional Music* 20:74-113, 1988.

FRIEDRICH, Paul. *Language, Context, and the Imagination*. Stanford: Stanford University Press, 1979.

\_\_\_\_\_. *The Language Parallax*. Austin: University of Texas Press, 1986.

HOUSE, Deborah. *Language Shift Among the Navajos*. Tucson: University of Arizona Press, 2002.

HYMES, Dell. *In Vain I Tried to Tell You*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

\_\_\_\_\_. *Sung Epic and Native American Ethnopoetics*. In *Textualization of Oral Epics*. Lauri Honko, ed. Pp. 291-342. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

\_\_\_\_\_. *Now I Know Only That Far*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2003.

JAKOBSON, Roman. Concluding Statement: Linguistic and Poetics. In *Style in Language*. Thomas Sebeok, ed. Pp. 350-373. Cambridge, MA: MIT Press, 1960.

KROSKRITY, Paul. *Language, History and Identity: Ethnolinguistic Studies of the Arizona Tewa*. Tucson: University of Arizona Press, 1993.

KUIPERS, Joel. *Language, Identity, and Marginality in Indonesia: The Changing Nature of Ritual Speech on the Island of Sumba*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

LEAP, William. *American Indian English*. Salt Lake City: University of Utah Press, 1993.

LEE, Tiffany. "If They Want Navajo to Be Learned, Then They Should Require It in All Schools": Navajo Teenagers' Experiences, Choices, and Demands Regarding Navajo Language. *Wicazo Sa Review* 22(1):7-333, 2007.

MCLAUGHLIN, Daniel. *When Literacy Empowers: Navajo Language in Print*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1992.

PARMAN, Donald. *Indians and the American West in the Twentieth Century*. Bloomington: Indiana University Press, 1994.

PETERSON, Leighton C. *Tchnology, Ideology and Emergent Communicative Practices among the Navajo*. Ph.D. dissertation. Austin: University of Texas at Austin, 2006.

RIDINGTON, Robin & RIDINGTON, Jillian. *When You Sing It Now, Just Like New: First Nations Poetics, Voices, and Representations*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2006.

SAMUELS, David. *Putting a Song on Top of it*. Tucson: University of Arizona Press, 2004.

SAPIR, Edward. *Language*. New York: Harcourt, Brace. 1921.

SCHERZER, Joel. *A Discourse-Centered Approach to Language and Culture*. *American Anthropologist* 89:295-309, 1987.

\_\_\_\_\_. *Verbal Art in San Blas*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SEABURG, William. *Pitch Woman and Other Stories: The Oral Traditions of Coquille Thompson, Upper Coquile Athabaskan Indian*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2007.

SPICER, Edward. *Cycles of Conquest*. Tucson: University of Arizona Press, 1962.

\_\_\_\_\_. *Persistent Cultural Systems*. *Science* 174(4011):795-800, 1971.

\_\_\_\_\_. *Indian Identity versus Assimilation*. An Occasional Paper of the Weatherhead Foundation. Pp. 29-54. New York: New York, 1975.

SPOLKY, Bernard. *Prospects for the Survival of the Navajo Language: A Reconsideration*. *Anthropology & Education Quarterly* 33(2):139-162, 2002.

TEDLOCK, Dennis. *The Spoken Word and the Work of Interpretation*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983.

URBAN, Greg. *A Discoursed-Centered Approach to Culture*. Austin: University of Texas Press, 1991.

VAN VLEET, Krista. *Performing Kinship: Narrative, Gender, and Intimacies of Power in the Andes*. Austin: University of Texas Press, 2008.

WEBSTER, Anthony. *Coyote Poems: Navajo Poetry, Intertextuality, and Language Choice*. *American Indian Culture and Research Journal* 28(4):69-91.

WOODBURY, Anthony. Documenting Rhetorical, Aesthetic, and Expressive Loss in Language Shift. In *Endangered Languages*. Leonore Grenoble and Lindsay Whaley, eds. Pp. 234-258. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

Recebido em 16/06/2017.

Aceito em 10/11/2017.